

Autorização concedida à Biblioteca Central da Universidade de Brasília pela Professora Elmira Luiza Melo Soares Simeão e pelo Doutorando Gislane Pereira Santana, em 22 de maio de 2020, para disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

REFERÊNCIA

SANTANA, Gislane Pereira; SIMEÃO, Elmira Luiza Melo Soares. Notícias falsas: origens, meios de disseminação, contextos e enfrentamento. In: SEMINARIO HISPANO-BRASILEÑO DE INVESTIGACIÓN EN INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y SOCIEDAD, 8., 2019, São Paulo.

Notícias falsas: origens, meios de disseminação, contextos e enfrentamento

Gislane Pereira Santana & Elmira Luzia Melo Soares Simeão

santana1204@gmail.com; elmirasimeao@gmail.com

Universidade de Brasília–UNB;Universidade de Brasília – UNB

Resumo

Esse estudo relata situações que promoveram a distorção de fatos em diversos momentos da história, para apresentar argumentos à uma discussão sobre o tema, tratando-o como “Desinformação”, no contexto da Ciência da Informação. Propõe-se um debate sobre iniciativas e medidas que possam ajudar a conscientizar as pessoas, melhorando sua formação para a escolha e o uso de informações em diferentes situações. Discute possibilidades que possam contribuir para conter o avanço das falsas notícias e de uma Cultura da Desinformação. Como forma de enfrentamento do problema os autores sugerem a adoção, como referência, dos conceitos de Alfabetização Digital e Competências em Informação.¹

Palavras-chave: notícias falsas, cultura da desinformação, desinformação, alfabetização digital, competência em informação.

1 Introdução

Esse trabalho apresenta argumentos para um debate sobre o enfrentamento do problema atual de produção e proliferação de “Fake News” nas redes sociais. É preciso observar esse fenômeno como uma reprodução de práticas antigas e tratá-lo também como um processo de “Desinformação Social”. O termo “Desinformação”, no contexto da Ciência da Informação é amplamente discutido e suas características são motivo de estudos na área de Comunicação e Computação e podem somar-se a esse debate. Parte-se do pressuposto que a Ciência da Informação pode indicar caminhos e contribuir para conter o avanço das falsas notícias (expressão considerada contraditória pela UNESCO) e que poderá estimular outras áreas para o investimento nas práticas de Competências em Informação (CoInfo) atrelando conceitos éticos nessa Alfabetização Digital, propondo o uso ético das tecnologias e a capacitação nas escolas e universidades.

Registros bem antigos evidenciam que a humanidade sempre se valeu de falsos argumentos para tornar real o que, na verdade, não existe. Ou tentar camuflar fatos reais em benefício de interesses nem sempre declarados e publicamente aceitáveis. Atualmente com a popularização do

¹ Artigo com recomendação de publicação como capítulo de livro.

termo “*Fake-News*”, e o uso da expressão *Fake* para indicar a falsidade de qualquer fato ou situação, é essencial que se investigue de que maneira a informação, em suas multiplicidade de possibilidades, poderia ser falseada ou transformada em *Fake*, evidenciando uma “Cultura da Desinformação” nas práticas sociais e no uso da tecnologia.

A professora e diretora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), Ivana Bentes (2018), afirma que “notícias falsas, boatos e fatos fabricados com a intenção de destruir reputações são práticas que sempre existiram na mídia, no entanto, com a internet e as redes sociais, ganharam velocidade de difusão e se tornaram automatizadas e massificadas”. Bentes traz para o debate essa realidade como “cultura da desinformação²”. Quanto mais desinformação incorporada nas mensagens, mais consumo desordenado, fazendo que indivíduos disseminem “fakes” sem perceber o impacto negativo na comunicação das redes e mídias sociais. Essa dinâmica é parte da cultura da desinformação e convém tornar o cidadão mais crítico e preparado para o uso de fontes alternativas, principalmente quando não se tem certeza da origem das informações ou quando a pesquisa não considera aspectos de confiabilidade da fonte.

2 Histórico da Desinformação e Fakes

A difamação é um terreno fértil para o surgimento das *Fake News*, (DARNTON, 2017). Esta frase é a síntese do que descreve um relatório de 2018, intitulado “*A short guide to the history of 'fake news' and disinformation*” (em tradução livre: “Um guia rápido sobre a história das notícias falsas e desinformação”), elaborado pelo *International Center for Journalists* ICFJ 2018. Neste documento é apresentado um resumo do que se entende por desordem da informação, relatando os fatos históricos interessantes que serviram de embasamento e evidencia uma “Cultura da Desinformação”. O relatório observa a evolução dos acontecimento através dos tempos, começando sua análise no Século 4 A.C.

Observa-se no relatório da ICFJ (2018) e em (DARNTON, 2017) que já nos primórdios da civilização, a informação como instrumento para a “difamação” ganhou destaque. Na Roma antiga, falsos relatos foram usados como estratégia política para desonrar o imperador Marco Antônio, que foi acusado de desrespeitar o império ao tornar-se amante da rainha egípcia Cleópatra. Senadores inimigos utilizaram termos pejorativos contra o imperador para causar instabilidade e desconfiança no império. Na disputa política daquela época, o meio utilizado para difamar os oponentes era a gravação, em moedas, de frases que mancharam a reputação dos adversários. Pode-se afirmar que a técnica ainda é muito utilizada na atualidade e tem ganhado força com a possibilidade da

² Notícia fornecida por Ivana Bentes, professora e diretora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). No seminário Jornalismo: as novas configurações do Quarto Poder. São Paulo, SESC Vila Mariana, agosto 2018.

proliferação de fakes nas redes sociais. Em Roma, no ano de 59.A.C. a propagação de notícia, por meio do *Acta Diurna*, meio de comunicação eficiente daquela época, se deu a partir de um desejo do imperador Júlio César de manter os cidadãos informados (ou desinformados?). O jornal era escrito em grandes placas brancas colocadas em locais públicos da cidade de Roma com informações que agradavam ao imperador. Essa técnica de falseamento da realidade do passado é um dos argumentos do marketing político nas campanhas atuais que desejam perpetuar partidos ou candidatos à cargos públicos.

No império Bizantino, Século VI, o historiador Procópio se ocupava em elaborar informações falsas com a finalidade de denegrir a reputação do imperador Constantino. O compilado de textos por ele escrito se transformou num livro de crônicas com o título de “Anecdota” que só pôde ser publicado após sua morte.

Manipulação é o termo em destaque no relatório da ICFJ 2018 e (DARNTON, 2017), para se referir a notícias falsas no Século XVI. Naquela época, o poeta Pietro Aretino, em pleno período da renascença italiana, manipulou o conclave papal de 1522, e entrou para a história por exibir seus sonetos ao redor de uma estátua, o Pasquino, nas proximidades da Praça Navona, em Roma. Vem daí, a origem da palavra “Pasquim” para caracterizar um meio de comunicação que produz informações sensacionalistas. Aretino escrevia sonetos com informações falsas sobre todos os candidatos ao cargo de Papa, com exceção de Giulio de Médici, que era seu patrono. O objetivo era apoiar a campanha de Médici com falsas informações que ajudariam a elegê-lo. A estratégia porém não funcionou.

Os pasquins foram perdendo espaço para outro tipo de veículo, conhecido como “canards”, que era um tipo de jornal impresso em tamanho grande com gravuras que chamavam a atenção dos crédulos. Este veículo de comunicação era uma gazeta e o conteúdo de suas informações, boatos e notícias falsas. Circulou por diversos anos, em Paris, espalhando fatos caluniosos propositadamente. Nesse jornal, a criatividade dos ilustradores era audaciosa em imprimir a imagem do rosto da rainha Maria Antonieta nas publicações. Por causa dessa linha editorial “duvidosa”, o folhetim ganhou vulto, funcionando para disseminar propaganda política intencionalmente falsa. Segundo DARTON (2017), ainda que não tenha sido possível medir o impacto que estas falsas notícias tenham causado na vida da rainha, certamente elas contribuíram para aumentar o ódio da população contra sua majestade, que culminou com a execução de Maria Antonieta em 1793.

No Século XVIII surgiu outro meio de propagar notícias falaciosas, com uma nova configuração que tinha como objetivo espalhar rumores maliciosos em formato de canções e poemas. Elaborados em pequenos trechos, muito parecidos com o que hoje conhecemos como *tweets*. As informações falsas influenciaram tanto a formação de opinião da população da França a

ponto de mobilizar a população. As *tweets* literárias derrubaram o Conde de Maurepas do ministério. Ele era secretário de estado do rei Luís XVI e esse fato mudou o panorama político francês de 1749. O episódio foi considerado, inclusive, como uma das causas da Revolução Francesa de 1789.

No século XIX, a publicação de uma sátira foi a forma usada pelo jornal para fazer afirmações enganosas sobre a vida alienígena usando informações reais de um cientista com uma peça de ficção científica. Esse foi o meio que os jornalistas encontraram para a disseminação de uma notícia no jornal “The Sun”, em seis artigos que relataram a existência de vida na lua, com o objetivo de desconstruir a imagem do astrônomo e matemático John Herschel, recontando de modo falacioso as suas descobertas em 1835. (ANDREW, 2018).

No Século XX, com Adolf Hitler no poder e a ascensão do nazismo na Alemanha, o destaque foi a criação do ministério da propaganda e esclarecimento, por Joseph Goebbels, com o objetivo de disseminar mensagens falsas para favorecer o regime nazista. O objetivo era estimular o ódio contra os judeus, usando como meio de divulgação o teatro, o cinema e a imprensa. As falsas notícias foram elaboradas com tanta eficácia que fizeram com que os fatos fossem distorcidos a ponto de se fazer acreditar que as atrocidades foram cometidas com o apoio popular e, conseqüentemente, levando à negação da existência do Holocausto. Essa campanha foi destacada como a mais infame da história (HERZSTEIN, 1978), uma demonstração da força da falsa propaganda e da cultura do ódio como uma arma de manipulação para detenção de poder político e econômico.

A Rússia do século XX foi a precursora na criação de uma organização denominada “troll factory” para publicar um grande número de mensagens ou fazer postagens nas redes sociais objetivando minar a credibilidade dos eleitores com relação à segurança do sistema eleitoral do país. O movimento também encorajava a criação de grupos opositores, visando causar problemas e influenciar a opinião pública na época. Talvez essa ação tenha sido o fator desencadeador de todo um processo de disseminação de informação fraudulenta em eleições que, nos dias atuais, conta com um canal potente para proliferação de falsas pesquisas: a Internet.

Nesse Século XXI, com o objetivo de desinformar a opinião pública, outra campanha foi publicada pelo The New York Times na forma artigos sensacionalistas. A matéria que incluía um relato, nunca comprovado e tido como verídico, de um campo onde se produzia armas químicas no Iraque circulou naquele jornal e contribuiu para fortalecer a decisão dos norte-americanos de atacar aquele país numa campanha que ficou conhecida como “Guerra ao Terror”. A ação fraudulenta foi uma resposta aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Essa desinformação sobre armas de destruição em massa, trouxe várias conseqüências para os EUA, provocando discussões acirradas e violentas, pois o jornal divulgou a notícia de que o suposto arsenal bélico que estaria sendo

produzido no Iraque era um fato real, uma verdade, porém, sem qualificar as devidas fontes e a autenticidade da informação Miller (2001, 2003). Como uma forma de minimizar a situação em 2004, o jornal The New York Times pediu desculpas pela divulgação da falsa notícia sobre o uso de armas de destruição em massa no Iraque. O jornal continuaria publicando relatórios visando corrigir o falso registro. (The New York Times 2004).

Recentemente na Europa, outros eventos motivados pela disseminação de notícias falsas ganharam destaque na saída do Reino Unido do Bloco Econômico Europeu. Por meio da realização de um plebiscito que ficou conhecido como Brexit, em junho de 2016, foi feita uma consulta popular com a finalidade de saber qual a opinião dos britânicos em relação à permanência do Reino Unido naquele bloco econômico. Segundo McIntyre (2018), o resultado favorável à retirada do Reino Unido do Bloco Econômico Europeu foi tendencioso pois, antes da consulta popular, houve uma massiva campanha para influenciar a decisão da população que seria consultada, com uma ampla divulgação de boatos sobre o Brexit na Grã-Bretanha. Para que os fatos forjados chegassem ao maior número de pessoas, ônibus foram usados para exibir anúncios com falsa estatística de que o Reino Unido estava enviando 350 milhões de euros por semana para o Bloco Econômico Europeu e, que, após a eventual saída, aquele valor passaria a ser destinado ao serviço público de saúde do país. Segundo McIntyre (2018), a campanha ampla de desinformação sobre o Brexit certamente influenciou o resultado do plebiscito.

As eleições nos Estados Unidos foi o momento que marcou definitivamente o fenômeno das Fake News nas redes sociais, pois nunca havia sido tão amplamente disseminadas notícias falsas em todos os meios de comunicação de forma coordenada como aconteceu nesse episódio. Pouco antes do início do pleito para o plebiscito americano, em 2016, foi descoberto pela mídia internacional que havia uma lucrativa empresa de notícias falsas controlada por adolescentes, usuários de mídia social, que recebiam salários para “fabricar” e propagar informações. Descobriu-se que a sede onde estes jovens se reuniam ficava na pequena cidade de Veles, na antiga república Iugoslava da Macedônia. Por meio de investigações, foram identificados mais de 100 sites pró-Trump que espalharam notícias fabricadas e estes domínios estavam todos registrados em Veles. (SUBRAMANIAN, 2017).

Outro fato de grande repercussão que envolveu as redes sociais, foi o uso de dados de milhões de usuários do Facebook, com o intuito de desinformar. Em 2018, eclodiu o escândalo da Cambridge Analytica. Esta empresa, voltada para a comunicação estratégica em campanhas eleitorais, cujo objetivo era combinar a mineração e análise de dados, teve suas ações divulgadas por meio de um denunciante que revelou para alguns jornais que esses dados tinham sido explorados por uma pessoa da Universidade de Cambridge e empresas que trabalhavam em

conjunto com a Cambridge Analytica. O objetivo foi criar mensagens políticas direcionadas para um determinado grupo de eleitores com a intenção de influenciar as eleições presidenciais americanas de 2016. Um agravante, neste episódio, foi que o vice-presidente da instituição deixou a corporação para trabalhar na campanha eleitoral de Donald Trump (LEE, 2018).

Como se não bastassem os problemas que a sociedade vem enfrentando com a generalizada proliferação de “Fakes”, com um componente tecnológico que integra mensagens no rádio, televisão, jornais, internet, Twitter e Whatsapp, recentemente surgiu uma outra forma de manipulação de dados. Trata-se do uso de Inteligência Artificial para editar vídeos falsos mas bem realistas com pessoas agindo como nunca fariam na vida real. Essa técnica de fraude pode gerar conteúdos pornográficos, por exemplo, ou produzir montagens de falsos discursos para difamar as pessoas como se fazia, com outras técnicas, na Roma antiga.. A edição combinada de imagem e áudio é denominada como “Deep Fake”, que é um recurso que permite forjar situações para comprometer a reputação de quem for alvo deste tipo de armadilha.

De acordo com Matsakis (2018), a manipulação conhecida como “Deep Fake”, permite que com fotografias do rosto ou em primeiro plano se substitua a face ou os gestos das vítimas em vídeos manipulados propositadamente para atingir e prejudicar ou trazer prejuízo a alguém. O alvo preferido dos criadores de “Deep Fake”, são políticos e celebridades. De acordo com Metz (2019), jornalista da CNN Business, Deep fake é uma combinação dos termos "deep learning" (aprendizagem profunda) e "fake" (falso) - são arquivos de vídeo e áudio de aparência persuasiva, mas falsos. Feitos usando tecnologia Inteligência Artificial (AI) de ponta e relativamente acessível, eles pretendem mostrar uma pessoa real fazendo ou dizendo algo que eles não faziam.

Esse novo formato de manipulação da verdade é crescente e pode se tornar um problema de proporções inimagináveis, pois os “fabricantes” de notícias já conseguem, inclusive, adaptar, imitar o timbre da voz da pessoa que está sendo alvo de sua manobra. Atualmente, devido à grande quantidade de vídeos disponíveis no YouTube retratando o cotidiano de personalidades e políticos, tem-se fácil acesso a este material que pode servir como fonte para os manipuladores e desocupados de plantão. (METZ 2019).

3 UNESCO contra as Fakes

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO), na busca por fortalecer o ensino de jornalismo, apoiou a publicação do Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo, com o título “Jornalismo, Fake News & Desinformação”, que faz parte da “Iniciativa Global pela Excelência na Educação em Jornalismo”. Essa contribuição traz “um conjunto de conhecimento de ponta que tem por objetivo envolver-se com o ensino, a prática e a

pesquisa do jornalismo de acordo com o panorama global, incluindo o compartilhamento de boas práticas internacionais”. Ela representa sugestão de um “currículo internacionalmente relevante, aberto à adesão ou adaptação, como resposta ao problema decorrente da desinformação global que confronta as sociedades em geral” (UNESCO., 2018, p7),

O manual é uma contribuição da UNESCO, que patrocina a divulgação do trabalho na tentativa de melhorar a formação de jornalistas, principal foco do Programa Internacional para o Desenvolvimento da Comunicação (PIDC) da UNESCO. Essa publicação deixa claro que deve-se evitar o termo fake news (“notícias falsas”) no contexto da informação, visto que, essas são “notícias” que significam informações verificáveis. E esse termo retira o crédito de uma informação que representa notícias reais. E destaca que:

“..... Nesta publicação, o termo desinformação é comumente usado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas. Isso geralmente é combinado com estratégias de comunicação paralelas e cruzadas e um conjunto de outras táticas, como hackear ou comprometer pessoas. O termo “informação incorreta” frequentemente refere-se a informações enganosas criadas ou disseminadas sem intenção manipuladora ou maliciosa. Ambos são problemas para a sociedade, porém a desinformação é particularmente perigosa pois é frequentemente elaborada, com bons recursos, e acentuada pela tecnologia automatizada. (UNESCO, 2018, p7).

Ressalta também que, desinformação e a informação incorreta não é jornalismo de qualidade, pois esse é orientado por ética e normas profissionais. O objetivo da publicação vem em um cenário importante, pois busca uma nova postura, principalmente na formação de novos profissionais da comunicação, aliando disciplinas da Comunicação e da Ciência da Informação.

4 Ciência da Informação e Desinformação

Capurro afirma que no surgimento da ciência da informação, a discussão entre os especialistas gerou pelo menos 134 noções de informação, o que significa uma dimensão ampla e por vezes contraditórias do termo, Schrader (1986). Entretanto, o autor explica que nenhuma referência ao termo desinformação de forma negativa e suas derivações foram consideradas. Capurro comenta o tema baseado em Schrader (1986), que: "mentiras, propaganda, deturpação, fofocas, ilusão, alucinação, ilusão, erro, ocultação, distorção, embelezamento, insinuação, engano", quando não observado cria um modelo ingênuo de um homem da informação, que às vezes assume a forma de homem de tomada de decisão ou homem de incerteza". (Capurro 1991, p.08)

Capurro debate: “Para que serve a ciência da informação? Como a ciência da informação, concebida como uma disciplina hermenêutica-retórica, estuda as dimensões pragmáticas contextuais

nas quais o conhecimento é compartilhado positivamente como informação e negativamente como desinformação, particularmente por meio de formas técnicas de comunicação. Capurro (1991, p10).

Para Capurro essa amplitude na compreensão do termo indica que os usuários leitores e consumidores selecionam a informação com base em seu próprio modelo mental, formação cultural, influência social, vivências históricas e ideológicas (CAPURRO et al, 2007) . E tudo depende também da capacidade e habilidade de interpretação de cada indivíduo. Daí a complexidade e importância do tema. Estudar informação significa por vezes compreender a desinformação como parte da questão e o seu enfrentamento requer um processo de investigação e interpretação de fluxos informacionais, usando para isso, os pressupostos da Ciência da Informação.

Para Belluzzo (2005) “a desinformação nessa era é talvez a razão da existência de muitos problemas sociais, uma vez que atinge o ser humano em sua maior propriedade: a racionalidade”. Infere-se que a manipulação da informação é uma atitude intencional para atingir objetivo de forma proposital. O conhecimento sobre a produção de mensagens determina o sucesso em manipular conteúdo e forma. O entendimento do fluxo permite a disseminação que é parte fundamental do processo de manipulação.

Ao analisar o fenômeno da desinformação Clarie Wardle (2017) identificou sete tipos diferentes de conceitos, conforme Figura 1, avaliando dano e falsidade, que definiu como “desordem da informação”. Nos seus estudos a autora descreve e conceitua três dimensões, como possibilidades: Má-informação (Mis-information) - quando informações falsas são compartilhadas mas não causam nenhum dano significativo; Des-informação (Dis-information) é quando informações falsas são conscientemente compartilhadas com o intuito de causar danos; E por último a Má-informação (Mal-information), quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos (Wardle, 2017).



Fonte: Claire Wardle, Information Disorder: The Definitional Toolbox (2018)

Figura 1 - Definição da desordem informacional

É possível inferir que o conceito de desinformação traz vários significados que podem ser utilizados de formas diversas; pode ser definido como ausência de informação, má informação e, às vezes, como informação manipulada e direcionada com intuito de enganar alguém.

5 Perspectiva de uso das TIC no combate a Desinformação

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) divulgam conteúdos diversos e também falsas informações que são potencializadas nas mídias sociais. O pesquisador Saracevic (1996), destaca que no aspecto interdisciplinar, a CI oferece argumentos ecléticos auxiliando na interpretação e tratamento da informação da atualidade a partir de cuidados e de uma observação mais apurada dos contextos. Para Saracevic (1996), as novas tecnologias da informação estão definitivamente atreladas à Ciência da Informação (CI), colaborando para a resolução de problemas com as práticas relacionadas à seleção de fontes confiáveis. A CI, em sua essência, apresenta também argumentos que contribuem para nortear a compreensão e reflexão ética no uso de suportes tecnológicos, já que a produção de mensagens circunscreve-se às esferas social, política, econômica e cultural. Uma vez que “a CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia” (SARACEVIC, 1996, p.42). Para essa ciência então destinam-se os métodos de busca por confiabilidade nas informações e acurácia e precisão nos dados em todos os contextos sociais.

Faz-se necessário ressaltar a relevância da CI no combate a cultura da desinformação, pois é certo que o conhecimento relevante melhora a qualidade dos processos de comunicação, tornando-os mais seletivos e orientados ao usuário, o que oportuniza contribuições significativas à qualidade nas tarefas e relacionamentos. Para enfrentar o fenômeno das “fakes” o emprego das tecnologias deveria facilitar o acesso e uso dos serviços informacionais, com dispositivos que identificassem a possibilidade de fraudes ou informações duvidosas e para isso deve-se encaminhar a pesquisa atual. Obviamente estamos diante do desafio à uma pesquisa necessariamente multidisciplinar. Para tornar os softwares mais eficientes na tarefa de identificar possíveis manipulações ou inconsistências, e também estimular a educação ética para os usuários e produtores de mensagens, a CI deverá comungar com a computação, a educação e outras áreas do conhecimento.

Importante lembrar a tarefa educativa de conscientização, por um lado, já que a simples reflexão sobre os prejuízos imateriais são suficientes para a percepção da necessidade do uso ético dos meios e mensagens. E por outro lado desenvolver métodos para o uso mais competente em relação à práticas de pesquisa e seleção da informação seja no ambiente de trabalho, na escola, nas universidades, e nas comunidades de uma forma geral. Lembrando que a identificação de fontes e pessoas confiáveis é uma aprendizagem permanente e ao longo da vida.

Atualmente, ao mesmo tempo em que se “fabricam” as notícias falsas, desenvolvem-se várias ações e ferramentas para combatê-las. Iniciativas como a criação de sites verificadores da autenticidade de notícias, conhecidos como “fact Checking”, objetivam minimizar a disseminação de informações de teor falso e conseqüentemente o impacto que pode causar na vida das pessoas. Em todo o mundo, algumas resoluções governamentais e empresariais têm sido empreendidas para impedir que notícias falsas sejam disseminadas. Os softwares baseados em Tecnologias Semânticas para análise de textos e extração de informações no processo investigativo são outra possibilidade, bem como as técnicas para o Processamento de Linguagem Natural (PNL). Um dos objetivos principais do PNL é obter inteligência a partir de conteúdo não estruturado expresso em uma linguagem natural. Quase todas as pesquisas atuais envolvendo PNL são baseadas em aprendizado de máquina, em dados estatísticos e, mais recentemente, em redes neurais de Deep Learning (Sateli et al, 2017).

As características de linguagem utilizadas no processamento de notícias falsas têm sido objeto de exploração na área de Processamento de Linguagem Natural (PNL). Rafael et al (2018) destaca que “[...] as tentativas de lidar com notícias falsas são relativamente recentes, tanto do ponto de vista teórico [...] como prático [...] alguns trabalhos anteriores mostraram que os seres humanos têm um fraco desempenho na separação de notícias verdadeiras e falsas, [...] e que o domínio pode afetar isso, mas outros produziram resultados automáticos promissores”. Rafael et al (2018, p2)

De acordo com o professor Thiago Pardo (2018), é comum que as pessoas confirmem uma notícia por meio de aplicativo de troca de mensagem para checar se é verdadeira. Segundo Pardo (2018), é possível fazer esse tipo de checagem usando ferramentas. Um grupo de pesquisadores da USP e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) desenvolveram um projeto que resultou na criação de uma plataforma, em fase de teste, que tem esse objetivo. Prado (2018) destaca que: “... *quando uma pessoa está mentindo, inconscientemente, isso afeta a produção do texto. Mudam as palavras que ela usa e as estruturas do texto. Além disso, a pessoa costuma ser mais assertiva e emotiva. Então, uma das formas de detectar textos enganosos é medir essas características.*” Pardo (2018, p4).

Para compor esse contexto tornando possível para a máquina reconhecer o teor de uma informação os pesquisadores tiveram que ensiná-la a identificar o que é mentira e o que é verdade. Para isso, lançaram mão das técnicas de inteligência artificial para que o computador fosse capaz de reconhecer nos textos características que identificasse como sendo falsos e verdadeiros e diferenciá-los. Elaboraram um conjunto de notícias falsas e verdadeiras no idioma Português. Os pesquisadores acreditam tornar mais fácil para a máquina avaliar futuros textos. Assim, todas as informações inseridas pelos humanos e os padrões por eles criados para analisar esses conjuntos de dados modelam os sistemas operacionais para realizar futuras tarefas. Para evitar possíveis erros e dar credibilidade às suas investigações os pesquisadores utilizaram alguns parâmetros como critérios para validarem seu trabalho, tais como o número médio de verbos, substantivos, adjetivos, advérbios e pronomes presentes nos textos.

Pardo (2018) destaca que o uso da técnica de inteligência artificial para realizar essa pesquisa foi a solução [...] “Empregamos métodos clássicos de aprendizagem de máquina, que estão entre os mais utilizados atualmente, e conseguimos treinar o sistema com um índice de 90% de acerto na classificação das notícias”[...] o professor explica que o índice de acerto é alto porque o sistema avalia, simultaneamente, diversas propriedades presentes nos textos.

Apesar de os processos de inovação tecnológica serem, por definição, abrangentes e englobam todas as línguas naturais, a maior parte do progresso neste campo, até agora, está relacionada a um único idioma, o inglês (REHM 2017). Os esforços dos pesquisadores da UFSCar, citados neste trabalho, representam mais um passo na busca de soluções, demonstram o interesse da sociedade brasileira no combate às notícias falsas.

6 Perspectiva da Educação no combate a Desinformação

Novas habilidades são necessárias para interpretar a qualidade e veracidade dos fatos que são disponibilizados e divulgados em formato de notícias. De acordo com Leu et al (2014), a alfabetização evoluiu com as novas tecnologias, mas nenhum advento tecnológico afetou tanto a alfabetização e com tanta rapidez como a Internet. De acordo com Coiro (2008), ter acesso a Internet é uma coisa boa, pois o fato de ter à disposição recursos de busca de notícias em diversas fontes leva os usuários das redes sociais a saber pensar criticamente, criar, inovar e participar eticamente em ambientes digitais, e isso representa para ele um diferencial social.

Com foco principalmente quanto às habilidades necessárias para alfabetização no que se refere ao uso das TICs e da informação, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) criou, em 2013, um modelo de currículo para formação de professores para a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) com vistas a disseminar esse formato como referência no enfrentamento do problema das falsas notícias. De acordo com Wilson (2013):

“A alfabetização midiática e informacional (AMI) é uma base para aumentar o acesso à informação e ao conhecimento, intensificar a liberdade de expressão e melhorar a qualidade da educação. A AMI descreve as habilidades e as atitudes necessárias para valorizar nas sociedades as funções das mídias e de outros provedores de informação, incluindo aqueles na internet, bem como para encontrar, avaliar e produzir informações e conteúdos midiáticos; em outras palavras, apresenta as competências fundamentais para que as pessoas participem de maneira eficaz de todos os aspectos do desenvolvimento” (pág.5).

A publicação unifica conceitos entre alfabetização informacional e alfabetização midiática, considerando a liberdade de expressão e o acesso à informação por meio das TICs, tratando estes termos como conceito composto. Ainda considerando os estudos de Wilson (2013), ressalta-se que a metodologia fornece um esboço dos conteúdos e das atividades que podem ser adaptados para professores e alunos, conforme necessidades das instituições de educação nos seus respectivos países.

A Competência em Informação (CoInfo) enquanto prática educativa dispõe de técnicas e métodos para estimular boas práticas sociais de comunicação e divulgação de informações e como instância teórica produz estudos que corroboram para o entendimento estratégico das práticas de

pesquisa e divulgação de informações para indivíduos e instituições. É preciso evitar que os indivíduos se posicionem favoravelmente diante de situações que, em tese, teriam de ser refutadas. A Desinformação gerada por *fakes* encontra campo fértil na falta de competência cognitiva das pessoas para avaliar as notícias falsas geradas pelas mídias e/ou redes sociais. Ter Competência em Informação (CoInfo) tornou-se quase um mecanismo de defesa e um diferencial de qualidade para os profissionais, devendo ser estimulado nas escolas e universidades.

Competências são aptidões que uma pessoa deve ter para desempenhar bem uma atividade ou para realizar uma pesquisa e acessar informações relevantes e verdadeiras. Rabaglio (2001) simplifica os conceitos, classificando-os em: 1) conhecimento – relaciona-se com experiência de vida, formação, etc; 2) habilidades – estão relacionadas à capacidade de executar uma atividade física ou mental; 3) atitude – está relacionada ao comportamento diante de situações do dia-a-dia e das atividades desenvolvidas. Pode-se inferir que para executar uma ação o indivíduo necessita ter experiência, capacidade e comportamento para enfrentar situações que exige uma postura de enfrentamento. Ampliando o conceito no contexto atual da informação, Belluzzo (2014) e Simeão (2016), têm corroborado com estudos e elaboração de conceitos no uso das Competências em Informação (CoInfo), que podem ajudar no combate ao fenômeno das Fake News. De acordo com Belluzzo e Feres (2015) a Competência em Informação é conceituada como:

[...] competência funcional na sociedade contemporânea torna-se, pois, crucial para a realização de cada cidadão e para sua plena integração social. O seu desenvolvimento capacita os indivíduos para o acesso, a seleção, a gestão e avaliação da informação necessária à vida profissional, social ou pessoal. (p.8)

A competência em informação, segundo a Ciência da Informação está baseada em um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionado ao contexto informacional. Entretanto, de acordo com (DUDZIAK, 2008, p.41):

“a legitimação da competência em informação como movimento de abrangência mundial é ainda um desafio para os países em desenvolvimento, principalmente para o Brasil, que ainda luta contra o analfabetismo. Disto deriva a importância do aprofundamento dos estudos teóricos, das intervenções sociais e educacionais implementadas através de práticas distintas direcionadas às necessidades de cada nação e grupo

social. Promovendo a ligação entre a teoria (abstrações) e a prática (apropriação) (...).”

A autora destaca o eixo temático da competência informacional para a governança e cidadania, que tem por objetivo promoção da participação das pessoas e controle sobre suas próprias ações, além de ir além da busca da informação, mas saber o porquê dela, observando as ideologias presentes no contexto informacional. O eixo temático da competência informacional para o aprendizado e educação, está centrado no aprendizado ao longo da vida, tratando os hábitos de indagação nas práticas formais e informais de educação, independente de níveis e idades, tanto na comunidade quanto em ambientes corporativos.

7 Conclusão

A imersão das pessoas no mundo digital é antecipado pela facilidade e uso das tecnologias da informação e comunicação. E o fato de se ter acesso aos recursos tecnológicos demanda a criação de novas formas de aprendizagem e a alfabetização digital se apresenta como a premissa do momento. Além disso, outras medidas de enfrentamento podem ser tomadas para conscientizar as pessoas, levando-as a compreenderem que nem todos os conteúdos aos quais tenham acesso por meio das redes e mídias sociais se prestam a informar. O surgimento, a todo instante, de novas tecnologias que possibilitam acesso irrestrito a toda e qualquer notícia veiculada nas redes e mídias sociais nos lembra que também é necessário dar segurança a quem busca por notícia. Instrumentos e conhecimentos que permitam identificar se a informação provém de fonte segura e confiável.

8 Referências

Andrews, E. The Great Moon Hoax, The History Channel. 2018. In: <http://www.history.com/news/the-great-moon-hoax-180-years-ago?linkId=16545579> Acessado em 09 jun 2019.

Belluzzo, Regina Célia Baptista. Simeão, Elmira Luzia Melo Soares. Santos, Rafael Barcelos, Competência em informação (CoInfo) no bibliotecário protagonista: estudo do perfil da Rede de Bibliotecas de Pesquisa do MCTIC à luz do Diagrama Belluzzo®1. Inc.Soc., Brasília, DF, v.8 n.1, p.89-100, jul./dez., 2014.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Competências na era digital: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. ETD - Educação Temática Digital, Campinas, v. 6, n. 2, p. 30-50, jun. 2005.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; FERES, Glória Georges. Competência em informação, redes de conhecimento e as metas educativas para 2021: reflexões e inter-relações. In: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G.; VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Orgs.). Redes de conhecimento e competência em informação: interfaces da gestão, mediação e uso da informação/organização. Rio de Janeiro: Interciência, 2015. p.1-35.

CAPURRO, Rafael. Foundations of information science: review and perspectives. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 1991, Tampere. Electronic Proceedings... Tampere: University of Tampere, 1991. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tampere91.htm>>. Acesso em: abr 2020.

CAPURRO, Rafael et al. O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação, [S.l.], v. 12, n. 1, nov. 2007. ISSN 19815344. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

Coiro J, Knobel M, Lankshear C, Leu DJ. Handbook of Research on New Literacies . 1st ed. New York: Routledge; 2008.

DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acessado em: 03 mai 2019.

DUDZIAK, E. A. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. Informação & Sociedade. João Pessoa, v.18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008.

Duke NK, Carlisle J. The development of comprehension. In: Kamil ML, Pearson PD, Moje EB, Afflerbach PP, eds. Handbook of Reading Research . Vol 4. New York, NY: Routledge; 2011:199–228.

David Griol, José Manuel Molina¹ and Zoraida Callejas .Incorporating android conversational agents in m-learning Apps. Expert Systems, August 2017, Vol. 34, No. 4 1 of 17.

Farzindar, Atefeh and Inkpen, Diana. Natural LanguageProcessing for Social Media. Dez 2017.

Fullan M. Stratosphere: Integrating Technology, Pedagogy, and Change Knowledge . Toronto, ON: Pearson; 2013.

Herzstein, R *The most Infamous Propaganda Campaign in History*, GP Putnam & Sons. 1978. (NY) p492 See also: Kallis, A. (2005). *Nazi Propaganda and The Second World War*. Palgrave Macmillan. New York. P6

Lee, G. *Q&A on Cambridge Analytica: The allegations so far, explained*, FactCheck, Channel 4 News.2018. In: <https://www.channel4.com/news/factcheck/cambridge-analytica-the-allegations-so-far> Acessado em 29 jun 2019.

Leu DJ, Forzani E, Rhoads C, Maykel C, Kennedy C, Timbrell N. The new literacies of online research and comprehension: rethinking the reading achievement gap. *Read Res Q* . 2014;50(1):37–59

Matsakis, L. Artificial intelligence is now fighting fake porn.2018. In: <https://www.wired.com/story/gfycat-artificial-intelligence-deepfakes/> Acessado em 19 jun 2019.

McIntyre, Lee. *Post-Truth:(The MIT Press Essential Knowledge series)*. Cambridge, MA: MIT Press, 2018.

Metz, R. CNN Business. Lawmakers warn of 'deepfake' videos ahead of 2020 election - CNN. 2019. In: <https://edition.cnn.com/2019/06/12/tech/deepfake-2020-detection/index.html> acessado em 13 jun 2019.

Metz, R. CNN Business .Watch out, Alexa. Artificial voices are starting to sound just like humans – CNN.2019. In. <https://edition.cnn.com/2019/03/07/tech/ai-voices-sound-human/index.html> Acessado em 13 jun 2019.

Miller, J. *A nation challenged: Secret Sites; Iraqi Tells of Renovations at Sites For Chemical and Nuclear Arms*, The New York Times .2001. See also: Miller, J. (2003), *After effects: Prohibited Weapons; Illicit Arms Kept Till Eve of War*, An Iraqi Scientist Is Said to Assert, The New York Times. In: <http://www.nytimes.com/2003/04/21/world/aftereffects-prohibited-weapons-illicit-arms-kept-till-eve-war-iraqi-scientist.html> Acessado em 28 jun 2019.

NEISSER, F. G.. Fact-checking e o controle da propaganda eleitoral. In: *Revista Ballot*. Rio de Janeiro, V.1, no 2, Set/Dez 2015, p. 178-212.

PARDO, T. Ferramenta para detectar fake news é desenvolvida pela USP e pela UFSCar. 2018. Acessado em <https://www.icmc.usp.br/noticias/3956-ferramenta-para-detectar-fake-news-e-desenvolvida-pela-usp-e-pela-ufscar>. 08 abr 2020

Posetti, Julie. Matthews, Alice. A short guide to the history of 'fake news' and disinformation. *A International Center for Journalists*. (UCFJ). 2018.

Saracevic, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspec. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

RABAGLIO, Maria Odete. Seleção por competências. São Paulo: Educator, 2001.

Rafael A. et al. Contributions to the Study of Fake News in Portuguese: New Corpus and Automatic Detection Results. *13ª Conferência Internacional de Processamento Computacional do Português*. PROPOR 2018.

Rehm, Georg. Language Technologies for Multilingual Europe: Towards a Human Language Project. Strategic Research and Innovation Agenda. CRACKER and Cracking the Language Barrier federation, December 2017. Version 1.0. Unveiled at META-FORUM 2017 in Brussels, Belgium, on November 13/14, 2017. Prepared by the Cracking the Language Barrier federation, supported by the EU-funded project CRACKER.

Sateli, Bahar. Cook, Gina. Witte, Ren. Smarter Mobile Apps through Integrated Natural Language Processing Services. Semantic Software Lab, Department of Computer Science and Software Engineering, Concordia University, Montr_eal, Canada; Language Lab, Montr_eal, Canada. 2017.

Schwartz, A.B. *The Infamous "War of The Worlds" Radio Broadcast Was a Magnificent Fluke*, The Smithsonian. 2015. In: <https://www.smithsonianmag.com/history/infamous-war-worlds-radio-broadcast-was-magnificent-fluke-180955180/> Acessado em 18 jun 2019.

Schrader, A. M. (1986). The domain of information science: problems in conceptualization and in consensus-building. *Information Services & Use* 6, pp. 169-205.

[SIMEÃO, E. L. S.](#); MARQUES, M.; CUEVAS, A. C.. Mediação e ação comunicativa: conformando nuvens e formando competências para a mediação nas redes sociais virtualizadas. *Ciência da Informação (Online)*. *Ciência da Informação (Online)*, v. 43, p. 241-256, 2016.

Subramanian, S. *Inside the Macedonian Fake News Complex*, Wired.2017. In: <https://www.wired.com/2017/02/veles-macedonia-fake-news/> Acessado em 29 jun 2019.

The New York Times. From the Editors; The Times and Iraq, The New York Times. 2004. In: <http://www.nytimes.com/2004/05/26/world/from-the-editors-the-times-and-iraq.html> Acessado 29 mai 2019.

UNESCO. Journalism, 'Fake News' & Disinformation: Handbook for Journalism Education and Training. 2018 .Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Wardle, C. & H. Derakhshan (2017) *Information Disorder: Towards an Interdisciplinary Framework for Research and Policy-Making*. Council of Europe. In: <https://firstdraftnews.com/resource/coe-report/> Acessado em 12 mar 2020.

WARDLE, C. Fake News. It's Complicated. First Draft News. 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.com/fake-news-complicated/> acessado em 11 mar 2020.

WARDLE, C. DERAKHSHAN, H. INFORMATION DISORDER: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe report DGI. 2017.

Wilson, Carolyn Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores / Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi-Kim Cheung. – Brasília: UNESCO, UFTM, 2013. 194 p.